ALVORADA

1.º Anno — SEMANARIO REPUBLICANO — Numero 4

Editor, Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

Director, A. L. de Carvalho
Propriedade da Empreza da «Alvorada»

Guimarães, 17 de dezembro de 1910

Administrador, Rodrigo Pimenta
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranense
R. DE PAYO GALVÃO

Collaboradores effectivos: Dr. Eduardo d'Almeida, Dr. Alfredo Pimenta, Alfredo Guimarães, Mario Cardozo e Jeronymo d'Almeida.

Todas as doutrinas expendidas nos artigos assignados, ainda mesmo sob pseudonymo, são da absoluta responsabilidade dos seus auctores.

A NOSSA ATTITUDE

A commissão administrativa

Seja este o nosso primeiro pensamento neste artigo: Não cuidamos saber se os membros que compõem a commissão administrativa eram ou não bons republicanos, e, se não o tendo sido, foram ou não justamente integrados naquelle logar. Outro caso esse seria que não vem aqui tratar-se.

O que tam sómente cuidamos é saber se os membros que compõem a commissão administrativa, tem ou não, competencia para bem exercer os cargos de que estão investidos. Esta a questão.

Alguma coisa já se pode inferir pela sua acção, algumas sessões teem decorrido onde se evidenciam os seus trabalhos. Não queremos, por agora, discutir detalhadamente esses trabalhos, ignoramos mesmo se a commissão se impoz algum programma. Uma coisa nos basta entretanto: é saber se nessa commissão ha vontade de fazer alguma coisa, e, se a essa qualidade, elles juntarão est'outra: — desejo de acertar.

Estão elles, effectivamente, possuidos desse conjuncto de qualidades —as indispensaveis para bem desempenharem sua missão?

Ha alguem que venha impugnar a questão negando-lh'as? Por nós aqui deixamos consignada nossa opinião, bem simples e bem sincera:— *Reconhecemos-lhes vontade de fazer alguma coisa e, mais ainda, desejo de acertar.*

Haverá, todavia, no seu conjuncto, uma bagagem de conhecimentos sufficientemente regular para que essas duas qualidades não se tornem estereis?

Alguma ha, diga-se aqui, embora quizessemos,— e como republicano para isso trabalhassemos, —que mais selecto fosse o seu conjuncto.

Isto, porem, não obsta que nós digamos, convictamente, lealmente, sinceramente:—*A primeira commissão administrativa republicana que dirige os negocios municipaes deste concelho, já demonstrou, em pouco tempo, mais tino, mais energia e mais qualidades de trabalho, que muitas vereações dos politicos da monarchia —embora estes soffram o prejuiso de serem menos doutorados, menos rethoricos, menos abelhões!*

*

Estamos daqui a ouvir as criticas dos nossos adversarios... Ellas veem-nos recordar aggravos pessoaes, que não esquecemos, ellas veem-nos acirrar melindres, que conservamos latentes. Sómente existe aqui uma differença—uma só:

E' que este jornal não nasceu para ser orgão de pessoas ou questões; o seu fim, o nosso fim, é servir a causa da Republica, e essa não se serve apreciando as questões de ordem publica pelo sentimento da nossa animosidade pessoal.

Quem de nós esperava outra coisa, enganou-se.

Assim pensamos sempre, assim o entendemos sempre.

ECHOS

Moralidade . . . de sacristia

Relação das irmandades da cidade de Guimarães que ha seis e oito annos não prestam contas ás auctoridades competentes.

FREGUEZIA DE S. PAIO

Almas — ultimo anno em que prestaram contas—1903-1904.

Santo Homem Bom—Idem—1905-1906.

Nossa Senhora da Misericordia—Idem—1904-1905.

Senhora do Terço — Idem — 1903-1904.

Confraria do Sacramento — Idem—1906-1907.

FREGUEZIA DE S. SEBASTIÃO

Santo Antonio — Idem — 1905-1906.

Cordão e Chagas — Idem — 1903-1904.

Santa Anna — Idem — 1903-1904.

Sacramento — Idem — 1901-1902.

FREGUEZIA DA OLIVEIRA

S. Crispim e S. Crispiniano — Idem—1903-1904.

Ordem 3.ª de N. Senhora do Carmo—Idem—1905-1906.

Como se vê, cá pela nossa terra tambem ha discipulos fieis e muito amados, dos varios Josés Lucianos, Espregueiras, Araujos e Perestrellos, que são a honra e gloria da *chorada* Monarchia que tanto *ennobreceu*, durante oitenta annos de *santidade*, o nome de Portugal.

Chegou a vez de se desmascarar por completo todo o banditismo do regime monarchico.

Que o povo de Guimarães vá abrindo os olhos. E não fica só por aqui o vergonhoso quadro da moralidade monarchica. Ha mais e muito mais.

*

Os correspondentes

Elle ha-os por ahi que... nem ás colheres!

Na febre de dizerem coisas, até as inventam, e com uma *habilidade* que sabe a *palermice*.

Ora para evitar estes assanhados *jornalistiqueiros* entendeu e muito bem a «Republica Portugueza», estabelecer o seguinte:— que todos os seus correspondentes sejam indicados pelas collectividades republicanas. Muito bem, muitissimo bem. Desta maneira evitar-se-ha... o perigo de muito imbecil.

*

Cartas Litterarias

A santa dos olhos de prata

—Argolas novas, senhor reitor?...

—Novas, pequena!...

E partiram para a cidade — as moças de saia de roda, os homens de jaqueta azul de retina—emquanto o padre ficava á janella, espaduado, de batina e com o barrete á nuca, sugando tranquilamente um cigarro forte.

Quando lá chegaram iam cançados de tanto salto de pedra a pedra, sobre o lamaçal. O ceu, então, envolvia-se, adquirindo uma luz pesada de trovoadas... Apressava-se o povo na feira, de varapaus... os carros de bois tremiam na arruação rustica, aos solavancos pela calcetaria... enterravam-se as carapuças e subiam-se as golas de capote, com frio... E as arvores do jardim publico, varejadas, davam um prenuncio agreste de chuvas a arribarem...

—Mãe, olhe estas!...

Era um par de argolas, largo e quadriculado, numa vitrine de ourives—a primor para o perfil baço e modelar de uma cigana de malta.

—Feira, rapariga. Lá sabes...

Passados momentos, suspensas das orelhas rosadas daquella lavradeira forte, de largos seios e de vinte annos, as argolas não tinham menos graça e brilho que o aro largo e delgado com que do mesmo modo se realçava a pelle fresca das delicadas contemporaneas de Virgilio.

A velha enrolou depois a saca pequena de linho, metteu-a na algibeira e deixou cahir de novo a saia farta de chita nova, dizendo:

—Vamos á *Santa*... antes que chova...

—Que tempo!... lacrimejou a rapariga, arrebanhando o chale no braço.

*

Os tascos, á bocca da romaria, ou frigiam bacalhau, ou expunham aletria, ou mediam pelas infusas brancas o vinho acidulado, já velho desde o S. Martinho. No açafate empapelado das castanheiras, á porta, como pequenas moedas levadas ao fogo, as castanhas novas fumegavam, muito cinzentas e cheias. Em quatro aguas, os toldos de linho pendiam sobre os taboleiros á semelhança dum chapeu velho de operario. E ainda sobre as toalhas bordadas das doceiras, nas cangalhas que se succediam até ao alpendre antigo da capella, os *relogios*, os *sacramentos* e os *esposados*, de milho e assucar, enfeitiçavam os olhos inquietos da garotada!...

—Mãe, olhe aquillo! Um *cão* e uma *canastrinha* de doce!

Subiram o degrau do alpendre. Uma *Santa Luzia* clorotica, de mãos envernisadas e angulosas, adornava-se com ramos antigos e sujos de perpetuas. Dois lumes, inquietos, fumegavam dos lados. Sobre a toalha de renda de agulha abria-se a salva de prata, com um cobre miudo alastrando. E quasi sob as esmolas, sumido e oval, o *prato dos olhos* da *Santa* repoisava pintado e encebado.

Beijaram-no muito nos dois olhos de pau — e aproximaram-no, com um calor devoto, dos seus olhos humanos, que brilhavam. A rapariga passou-lhe o lenço bordado com que em seguida enxugou os olhos azues da beleza que lhe coube. A mãe mexia os labios cheios de pregas, numa oração silenciosa!... E, depois de ter pago uns *olhos de prata* e ter ajoelhado, deu volta subita ao corpo da rapariga e partiram.

Choviscava: uma traça impertinente que regalava as hortas!...

—Doidos *barridos*. Que andarão os outros a fazer na feira...

Ao pontilhão do rio as *alminhas* já tinham acesa a luz mortuaria, timida, do seu azeite... Era quasi escuro!... O azul sombrio do ceu carregava-se, creando ondas, tirando do seu negrume suspeito, num ou noutro pequeno espaço, os reverberos frios duma pupila extatica de morto!... Por fim a chuva decidiu-se e rompeu, mais pesada e mais fria. Quando já se aproximavam, do vulto enquadradro e alto duma casa, todo absorvido na escuridão, uma voz cançada, quasi gasta, perguntou de surpreza:

—Argolas novas, pequena?...

—Novas, senhor reitor!

Alfredo Guimarães.

A Derrocada

Manoel Affonso Espergueira, anda a monte.

Perestrello de Vasconcellos, pronunciado á fiança.

Gomes d'Araujo, idem, idem.

Thesoureiro da Imprensa Nacional, alcançado em 59 contos.

Divida do Estado e particulares á Imprensa Nacional, mil contos.

E viva a restauração monarchica!

*

Nomenclatura das ruas

Houve epocha em que os santos do kalendario christão eram evocados para patrono das classes e officios e, os seus nomes, eram, então, os primeiros a serem consagrados á denominação das ruas.

A essa epocha, que nós chamamos de especulação theologica, uma outra se succedeu á qual se vem chamando de critica positiva.

Assim, os santos que outrora

occupavam as lapides das ruas e praças publicas, veem cedendo o logar ás datas, aos acontecimentos e aos homens mais notaveis, servindo simultaneamente esta transição, de culto e lição aos que passam. Ora tendo em vista a grande e profunda innovação que se opera, não podia passar indifferente--embora isso pareça coisa insignificante—a mudança de certos nomes dados a certas ruas e neste pensamento estão as commissões que administram actualmente os municipios, em cujo numero entra a commissão administrativa da nossa terra.

Ha, porem, motivo para reparos, por exemplo: Porque não se haviam de respeitar os nomes das duas avenidas—«Avenida da Industria» e «Avenida do Commercio»?

Não representam, por acaso, estes dous nomes, duas forças vivas tão respeitaveis na nossa terra? Serão, por ventura, duas abstrações sem um alto significado de actividade e de trabalho?

Tambem o corte innovador transformou o «Largo de Franco Castello Branco» em coisa differente.

Mas então porque não lhe chamam antes—«Largo do Deputado Franco»?

Acaso nós, os jacobinos, não temos reconhecimento por quem tendo sido tantos annos deputado por Guimarães, a Guimarães tantos serviços prestou? E não foi em demonstração desse facto que esta terra lhe consagrou uma das suas praças?

E' certo que, nós, mais do que vimaranenses, devemos ser portuguezes, e, como taes, temos que não esquecer que a sua figura de dictador nos é profundamente antipatica: Mas tem esta sua phase de dictador despotico alguma coisa com a sua acção de deputado? Um acto classificado e premiado como bom, hoje, deixa de o ser amanhã, só porque outros actos maus se lhe seguiram?

Pondere-se, reflicta-se, veja-se.

Por nós não achamos louvavel, francamente o dizemos, que se sacrifique um sentimento de gratidão a um pensamento de odio—mais ainda quando se serve um ideal politico superior.

*

O superfluo

Acabou agora o banquete monstro offerecido por um nosso conterraneo aos seus numerosos e interminaveis amigos.

Esta *gastro-mania* annualmente realisada, em dia e sob a invocação devota de Nossa Senhora da Conceição, constou d'um escandaloso *menu* com 31 pratos!

Contra a gula... temperança, diz a doutrina ao devoto peccador; elle, porém, não toma emmenda e, muitos annos que elle viva, a paparoca se realisará, para gaudio dos que têm...fome.

Sabe-se que a costumada segunda *rodada* será este anno mais cedo...por causa do bolor que a humidade do tempo vem occasionando.

Pedimos desculpa por não termos accedido ao convite.

*

Uma resposta... necessaria

Satisfeitos por termos defendido a bôa doutrina stigmatisando certas adhesões *calculadas* e mal contrictas; passados quinze dias sobre o primeiro artigo referente ao assumpto e decorridos oito sobre o segundo em que na mesma ordem de ideias e por maneira concreta precisavamos factos pelos quaes se inferia a razão da nossa attitude stigmatisante, — ainda hoje é motivo de satisfação para nós, sabermos que, tendo as nossas palavras correspondido á verdade, não temos que nos arrepender de as haver escripto, embora por modo tão incisivo e apaixonado.

De esperar era que nem a todos agradasse o que com um pensamento de altiva independencia haviamos escripto—era isso de prever, foi isso o que se deu.

Contavamos com isso. Mas se nós não puzemos em foco os que adheriram contrictamente, mas sim, os que aderiram *calculadamente*; se nós provamos o que dissemos e não temos que estar arrependidos por o que fizemos —visto que não desconhecendo a bôa politica de attracção, nem por isso a deixamos de servir cauterisando *manhas e intentos*,—depois disto o que significa e que sentido faz o artigo—«Adhesões» inserto na *Velha Guarda* e devido á pena do nosso hoje muito illustre correlegionario snr. Conego Antonio Hermano?

Nada o justifica. Sabemos o que dissemos e dissemos o que deviamos, como republicanos que sabem distinguir os bons correligionarios, embora por um momento nos esquecessemos de olhar para as *conveniencias politicas* — dos outros.

Dito isto queremos aproveitar este ensejo para testemunhar ao nosso intelligente correligionario a alta consideração em que tomamos a sua adhesão, tanto mais que, desde ha muito que nos habituamos a apreciar o seu espirito profundamente democratico. Esta impressão que não tem intuitos de lisonjear a sua modestia, vem-nos do conhecimento que temos dos seus artigos no «Regenerador» onde se nos deparava um adversario criterioso, e, mais ainda, dum encontro politico que um dia tivemos em momento de acção eleitoral.

Quanto ao mais... cumprimos o que julgamos um dever.

*

Os ganhões

Ha-os de varias especies e feitios, ha-os até... de borla e capello.

O snr. Alves dos Santos, por exemplo, dão-no os jornaes em roda viva, á procura de nicho rendoso.

Quem é este snr. Alves dos Santos?

O que sabemos delle é isto:

Que tem muito talento e muita velhacaria. Fez alli na Sociedade M. Sarmento uma conferencia de tal maneira incisiva e apaixonada que, a gente, sahiu dalli a philosophar com os seus botões: —«Aquillo é que é fallar bem! Aquillo é que é um homem!»

Pois senhores; enganamo-nos!

Estando ahi a proceder a uma syndicancia escolar, á professora interessada e cheia de justiça elle dizia: — «Você tem razão» Vae o relatorio da syndicancia para baixo e, dias depois, é suspensa a professora... cheia de razão. Vá lá a gente acreditar nesses palradores; vá lá o povo dar-lhes ouvidos...

Foi preciso que viesse a Republica para que a illustre professora fosse reintegrada no seu logar, recebendo os vencimentos que lhe haviam sido cerceados pela iniqua suspensão.

"Povo portuguez: descobre-te com respeito perante a bandeira da tua Patria. Consagra-te com amor á bandeira da tua Patria.,,

EM FOCO...

Os cidadãos dr. Antonio Vieira d'Andrade, dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves, Rodrigo José Leite Dias, José de Freitas Costa Soares e dr. Abel Gonçalves, vão fundar em Guimarães um Centro Republicano.

E a gente fica-se a scismar... a scismar... sem atinar, sem descobrir com aquella razão occulta, pensamento secreto, *rônha* ou quê, que os leva, a elles, creaturas que nem sequer adheriram! a fundar um Centro Republicano...

E a gente diante disto, olhando a anomalia, o contrasenso, o absurdo — um Centro Republicano... sem republicanos! fica-se a scismar... a scismar...

Pois em nome de que principio de doutrina, em obediencia a que programma se vae fundar este Centro...

Pela Patria e pela Republica?

Mas, admittindo mesmo que a Patria principia agora a ser alguma coisa para elles, admittindo que o regimen republicano elles o acatam e querem servir... de alma, vida e coração, pergunta-se: — Ha necessidade de fundar um Centro e é condição dos fundadores desse gremio servir a Republica sem primeiro a ella terem adherido?

Que absorvente politica pretendem elles fazer, que revolucionaria attitude projectam elles tomar se, ao presente, quem orienta é o partido republicano, que é *um só*, com *uma só* lei organica e *um só* programma?

Servem a Republica pondo tudo o mais de parte? Maus republicanos, pessimos republicanos.

Romper contra a estructura do partido republicano, cuja *mechanica* democraticamente montada são os organismos politicos das parochias, dos municipios e dos districtos; saltar por cima das ordenações do Directorio, corpo dirigente dessa *mechanica*, é atacar a unidade partidaria da Republica, tão essencial e indispensavel á politica nacional. Maus republicanos, pessimos republicanos aquelles que, fora deste terreno se movem e actuam.

Pela Republica? em que condições?!

Pelo regimen? em que circunstancias?!

Pela Patria? porque manifestação?!

Porque não adherem elles em primeiro logar? Não querem reconhecer a organisação local? Questão de pessoas?

Mas então elles adherem á Republica ou adherem a pessoas?!

São pela Republica como ideal politico, ou são republicanos como seriam outra coisa?

Sabem que um ideal é um sentimento nobre pelo qual aquelles que o sentem, por elle combatem, por elle soffrem, por elle morrem,--esquecendo as pessoas que o encarnam por modo imperfeito? Sabem que um ideal adeja por sobre as nossas paixões, vive superior aos homens, traduzindo o amor em belleza heroica, em virtude heroica, em perdão heroico?

Se são, pois, republicanos estrenuos, ardentes e decididos,...adhiram, em forma escripta, nos termos indicados, e nós bradaremos: —«Sejam bemvindos os nossos correligionarios, bemvindos sejam elles!»

Não se antecipem, todavia, principiando por fundar um Centro, por organisar partido, por se proclamarem chefes. E' erro, é tolice, é rematado disparate.

Não teem já ahi um Centro? não ha já ahi uma organisação com caracter official? são demais incorporando-se com o seu talento, com o seu nome, com a sua vontade nessa organisação onde ha vontades e ha nomes empenhados na mesma tarefa?

Lembrem-se que num partido, essencialmente democratico como o republicano, não ha chefes por direito hierarchico, posições por antiguidade: todos são o que são, por direito electivo e com poderes restrictos. Venham, pois, e alistem-se; façam a aprendizagem, sirvam os postos e os cargos que lhe sejam distribuidos por consenso e em assembleia dos seus correligionarios,—não armem em politicos aventureiros, em politicos de regedoria, em politicos de campanario! Soceguem, ninguem virá offuscar meritos reconhecidos, affrontar orgulhos respeitaveis, escrupulos attendiveis. Cada um chegará pelas suas qualidades á investidura propria das suas qualidades e pessoas, menos vir affrontar com um personalismo e pretender tomar subrepticiamente aquillo que num partido democratico só por serviços e provas evidentes se conquista. Não receiem por virem agora. Todos os que veem convictamente, chegam sempre a tempo, veem muito a horas, sempre são bem recebidos. Soceguem e adhiram em primeiro logar... se não é que partem em som de guerra contra a Republica!

Sim, é preciso que se definam: São republicanos para fecundar os principios, as doutrinas e o programma do partido da Republica, ou são antes republicanos para perturbar da Republica a sua marcha ascencional e progressiva?

Veem para a Republica á moda e pela maneira como serviram a Monarchia, ou veem para serem politicos cumprindo um dever social?

Desconfiamos... Pois para que fundam elles um Centro? Porque não convergem elles para o Centro que existe, se isso representa no actual momento o melhor serviço á Republica?

Fundar um novo Centro em taes condicções, é separar esforços, é degladiar forças, é, numa palavra, formar grupelhos, ou seja, trabalhar contra a obra social da Republica.

Desconfiamos... Embora nos préguem que adentro do mesmo partido é justo e logico haverem muitos centros, embora nos repitam a cantata de que as opposições derivadas de nucleos partidarios differentes são tão impossiveis de evitar-se como indispensaveis e neccessarias para a fiscalisação e equilibrio politico, a verdade é que, nem o momento, nem a acção, justificam essa politica separatista de que o novo Centro é um preludio e um signal!

Desconfiamos, e percebemos:

Os regimens são para muita gente *mais ou menos boa*, pontos abstractos e secundarios. Não se batem, não se esmurram, não se apetrecham se não por esta ideia, se não por este principio: — armar a fins.

De resto, tem para elles nenhuma importancia a nova-ideia, a nova-fé, a nova-Patria.

São conservadores, estão com o que está. E' isso mais commodo, mais lucrativo.

Enganamo-nos?

São elles os bons pegureiros, os propugnadores da boa doutrina?

Nesses casos desviem-se dessa attitude atrabiliaria e descomposta, porque, se é certo haver muitas *synagogas* levantadas ao mesmo idolo, não é logico que hajam dous centros para a mesma causa... sem motivo justificado.

Propõem-se organisar um forte reducto local, de conta propria?

Mas então Guimarães é a nação, é o paiz, é a Patria portugueza?

Querem submetter esta terra a um feudo de caprichosa politica, sem um plano de vistas largas e uma alta concepção de ideal?

O que pretendem elles, afinal?

BOHEMIA JORNALISTICA

CEUS PLUMBEOS

Chegou o frio, o melancolico Dezembro. Os dias succedem-se nevoentos, cheios de aguas.

Não ha alegrias que nos façam sorrir quando o sol se enluta durante longo tempo. A nossa neurasthenia entra numa crise, veem os pesados *spleens*.

Vêmo-nos obrigados a não abandonar a monotonia da cidade, onde as horas decorrem sempre eguaes.

O inverno tem as tristezas dos velhinhos que já não nutrem esperanças, que andam dia a dia afundando o coval das passadas illusões. Até parece que ha cabellos brancos nos ramos nús das arvores, viuvos das verduras avelludadas das folhas. As folhas agora andam nos doidos torvelinhos do vento, de valle em valle, de monte em monte, a chorar, como um bando d'aves perseguidas... O' tristes folhas amarellecidas, que inspiraes os lyricos cantares, para onde ides, para onde ides, nessa espavorida emigração?... As folhas são pequenas almas estioladas, desesperadas como topazios, feridas de amarguras e de prantos. O vento que as leva é o seu algóz. Antes de morrerem andam como coração aos solavancos, gemendo soluços de dôr sobre as arestas dos rochedos insensiveis. Parecem azas partidas de borboletas d'oiro, que o vento, n'um riso de sarcasmo, faz voar artificialmente. São irmãs das virgens que morrem tuberculosas nos hospitaes, em tardes d'Outubro, olhando o sol que se põe no occaso...

E a invernia continua...

E o barometro não sobe...

Já não podemos passear pelos campos, como nas tardes amenas de sol claro, resuscitando as nossas esperanças e reedificando as mimosas *torres de marfim*! Preferimos ouvir, enclausurados, as dolentes *Sonatas* de Beethoven, emquanto a chuva alfineta os vidros das janellas.

Nos esguios solitarios fanam-se os crysanthemos de tons variegados, na coloração multiforme das petalas. E essas flôres são como flôres de jardins de morte, tantas vezes juncam os tumulos brancos dos nossos mortos. O' tristes flôres, só havieis de desabrochar no Inverno, flôres elegiacas e sem perfume!... Murchae, murchae depressa para que a Primavera volte! Apodrecei no estrume que hade adubar a terra para novas flô-

res mais coloridas e mais bellas. Espalhae o vosso sangue nas corollas rubras das papoilas, nos calices nevados dos lyrios, e nesse pollen d'oiro fecundante que casa as flôres em beijos d'amor voluptuosos...

Passam na rua, açoitados pela ventania e encharcados pela chuva, pobres mendigos sem lar, ao abrigo inclemente do ceu. O inverno tem para elles cruezas e impiedades. A lama enxovalhando os seus andrajos sem côr, tornou-os côr de lama. Passam estendendo as magras mãos (mãos ás vezes bem delicadas) á Caridade—essa que veste sedas e frequenta os salões da alta sociedade, promovendo kermesses e bodos aos pobres.

E elles olham-na com humildade, com receio, mas nunca com amor! Quantas vezes eu vejo esqueleticas viuvas com os filhos ao collo—esse collo secco de leite para as pallidas boquitas famintas. E essas mães lá vão esmolando para si o que mal hão-de repartir pelos filhos. Em chegando o Natal, em chegando o Natal, ó pobres mães, onde haveis-de-ir consoar?... Se a neve cae, se o ar vos gela, como podereis avivar as brazas ao ar livre para seccardes o corpo humido?... Vendei o vosso corpo, vendei o vosso corpo uma vez mais para que vos não falte pão na noite de Natal! E se os filhos chorarem de frio ou de fome, apertae-os ao magro seio para que elles sorvam ainda a ultima gotta desse leite amargo...

13—12—910.

Jeronymo d'Almeida.

Pela instrucção

Commentando...

Ao encetarmos as nossas despretenciosas palestras na «Alvorada» temos em vista lançar olhos *de ver* pelos assumptos da instrucção, mórmente da primaria, base e esteio de toda a obra de regeneração dum povo; e com mais amor o vamos tentar, qunto o nosso povo, ou antes o povo portuguez carece ser regenerado.

Adoptando o lemma de que não ha povos grandes sem instrucção e de que esta não pode existir sem bons professores, procuraremos em subsequentes palestras, mostrar quanto o nosso depauperado Paiz tem sido prejudicado com a falta duma e deficiencia doutros.

Hoje, que á frente da superior repartição por onde correm as questões escolares primarias, se encontra um homem de rara inergia e não menos sabedor criterio, o professorado primario pode confiar, finalmente, que as suas justas aspirações, serão tanto quanto possivel, realisadas. Já para amostra da consideração, que o illustre Director Geral, Dr. João de Barros, pretende se tribute aos, até hoje, obscuros obreiros da civilisação, transcrevemos, gostosamente, uma circular, que sua excellencia fez expedir aos inspectores das 3 circunscripções:

«Constando nesta direcção geral «que alguns sub-inspectores não dis«pensam aos professores das esco«las do seu circulo a consideração «e as attenções a que estes teem in«contestavel direito, não só por se «tratar de funccionarios publicos, «mas principalmente porque elles «teem a seu cargo a nobre missão «de ensinar e educar; e sendo indis«pensavel que esse estado de coisas «se modifique, queira V. Ex.ª com«municar aos sub-inspectores da sua «circunscripção que, sem quebra da «disciplina e do respeito devido pe«los professores aos seus superiores, «devem tratá-los sempre com toda «a deferencia, considerando-os mais «como collegas, que effectivamente «são, do que como subordinados.»

Ainda não decorreram 2 mezes após a implantação do novo regimen, isto é, ainda não ha 2 mezes que sua ex.ª dirige a instrucção do seu Paiz e já subscreve documentos de tanto alcance moral e de tão profunda estima pelos pobres párias de todos os partidos!

Em bem pouco tempo viu muito sua ex.ª, porque viu justamente aquillo que os seus antecessores não *puderam* ver. A desconsideração, o quasi desprezo que alguns dos referidos sub-inspectores usavam para com os seus subordinados, chegava a attingir as raias do... pedantismo.

Infelizmente, para estes taes verdugos existiam em maior numero do que julgavamos, visto as suas queixas terem chegado até á Direcção Geral, onde foram como vêmos, immediatamente remediadas. Bom será que aproveite tão benefica medida, e que alguns senhores sub-inspectores ponderem attentamente as instrucções emanadas do seu superior e não esqueçam a phrase de sua ex.ª —considerando-os como collegas que effectivamente são—.

E, se aos alludidos funccionarios é devida, sem distincção, a delicadêsa e cortezia aconselhada por sua ex.ª, com mais razão ainda deve ser dispensada ás professoras, que, como educadoras tem jus a todos os respeitos tanto pessoaes como officiaes.

Alguns senhores sub-inspectores, ao verem-se á frente dum Circulo para dirigir e instruir, esquecem depressa a sua principal missão; esquecem-se de que são *professores* em maior escala do que até ahi foram, pois teem de aconselhar, dirigir e instruir os seus subordinados, mas isso dignamente, com muito respeito e consideração por aquelles que se encontram necessitados dos seus conselhos, e não com grosserias nem improperios.

Um funccionario desses conhecemos nós que, na sua correspondencia official, usa indistinctamente para o professorado de um e outro sexo o diminutivo de senhoria, e que de tal modo os recebe na sua repartição, ou os trata nas suas visitas, que os homens amedrontados esquecem o que desejam dizer e as senhoras, de tal modo se atrapalham que chegam a desmaiar; tal é o terror que soube produzir com a sua presença, sendo certo que nas creancinhas não deixa de exercer egual ou superior antipathia.

A funccionarios assim é muito bem applicada a presente portaria e melhor fôra ainda que, mostrando-se refractos a tão salutares conselhos, fossem novamente collocados a par dos collegas que effectivamente são, afim de temperarem os seus impetos de incivilidade.

Até á semana.

Só.

O PORTO EM GUIMARÃES

Prevenção ás Ex.mas Damas

Brevemente grandes surprezas em artigos de Modas.

Para interesse de V. Ex.as pede-se para não fazerem as suas compras sem verem os annuncios que por estes dias serão distribuidos.

O representante da casa Sousa Braga & Irmão no Hotel do Toural.

PROTESTANDO

A nomeação da Commissão Municipal com os mesmos elementos que servem na Camara, constitue um erro de má politica republicana.

Diz a «Velha Guarda» que, se a Camara se nomeou a si propria para a Commissão Municipal, foi porque não havia outros elementos republicanos para a constituir. Nós vamos provar-lhe que os havia, nós vamos mostrar-lhe que os ha, sem nos soccorrermos dos que agora adheriram.

Por exemplo: Porque não os inventaram, porque não os descobriram com a mesma *bôa vontade* com que os procuraram para a commissão administrativa?

Salva aquella parte de respeito, de consideração e de estima que mantemos e sentimos por esses elementos da commissão administrativa descobertos com tão *bôa vontade* como republicanos, quem ousará defender a sua virtude de *velhos republicanos*?

Para que veem, pois, fingidamente e hypocritamente, lembrar-nos necessidades, interesses, conveniencias da politica republicana quando os senhores não salvaguardaram, não consideraram isso no caso da Camara?

Para que nos recommendam, para que nos fallam na *legitimidade republicana* indispensavel aos membros da Commissão Municipal, se os senhores a puseram de parte, se os senhores a não buscaram para os membros da commissão administrativa?

Que escrupulos são os dos senhores que só agora é que acham conveniente exigir para o caso presente, tal folha corrida?

Quem está na disposição de não abdicar que os elementos da Commissão Municipal sejam republicanos reconhecidos em antes de revolução, sômos nós, porque, quando dizemos que esses elementos existem, nós os indicaremos á eleição como espiritos profundamente republicanos.

Ponha o Centro Republicano, como é seu dever, a questão em discussão e, nós alli iremos impugnar, com provas, o erro commettido, o disparate praticado.

Entretanto fique a «Velha Guarda» sabendo, que, nós, ainda sômos dos poucos que podem fallar em *legitimismo* republicano...

Discuta-se o assumpto no Centro Republicano.

Levemos para lá a questão.

NOTICIAS

Conferencia publica

No Domingo passado teve logar pelas 9 horas da noite, no salão nobre da Associação Artistica Vimaranense, a annunciada conferencia do snr. Dr. Eduardo d'Almeida nosso illustre amigo e colaborador, subordinada ao thema —Os deveres dos Republicanos— a qual publicamos hoje na integra.

O salão da Associação achava-se repleto de assistentes notando-se entre estes, individuos de todas as classes sociaes.

Presidiu á sessão o snr. Mariano Felgueiras secretariado pelos snrs. Teixeira d'Abreu e Rodrigo Pimenta, sendo o conferente apresentado pelo Cidadão que presidiu, apresentação que o publico recebeu com estrondosas salvas de palmas. A imprensa achava-se manifestamente representada e occupava uma meza ao lado esquerdo da tribuna.

O conferente mais uma vez mostrou ao povo de Guimarães que possue a arte do *savoir dire* aliada ao conhecimento das causas poderozas do atrazo moral e mental do povo portuguez.

No final da sua explendida conferencia, os assistentes cobriram de enthusiasticos applausos as palavras do orador, sendo nessa occasião erguidos pelo snr. Capitão Infante, representante do Janeiro, vivas á Republica, á Patria Portugueza e ao Dr. Eduardo d'Almeida, os quaes foram entusiasticamente correspondidos.

Cada vez mais se nota no nosso publico um interesse, um enorme interesse em ouvir os oradores republicanos que fallando a linguagem do povo, lhe mostram o quanto tem sido ludibriado pelos *caciques* de todos os matizes, que não só lhe roubavam o pão, como até a propria consciencia.

Philantropica

Os recursos, as energias, a bôa vontade dos moços academicos do nosso Lyceu,—qualidades que todos os annos eram esgotadas nas antiquadas festas nicolinas, vão, finalmente, serem aproveitadas na creação duma Sociedade Philantropica, ideia aqui expendida por o nosso colaborador —que assignava — «Um estudante».

Sabemos que esta iniciativa é auxiliada pelo intelligente e activo reitor do mesmo Lyceu, snr. José Pina. Parabens e, para o que valermos.

A's escuras

Na noite de 13, terça-feira, a cidade ficou ás escuras desde as 6 horas da noite até ás 5 da manhã.

Precisavamos saber como é costume explicar estes *falhanços*... ao menos para illuminarmos daqui os interesses da cidade.

Ha multa? pergunta-se.

Ou tudo isto se explica pelo costume?

«Alvorada»

Devemos agradecimentos, muito sinceros, ás palavras amigas com que alguns collegas da imprensa local nos distinguiram aquando do aparecimento do nosso semanario. Muito obrigados.

Noticias militares

—Foi concedida readmissão no serviço activo por mais tres annos ao 1.º cabo de infantaria 20, snr. Arthur Gomes Alves.

—Está no Porto fazendo parte dos conselhos de guerra, o tenente-coronel de infantaria 20, snr. Antonio Tiburcio Pinto Carneiro de Vasconcellos.

—Foi collocado no regimento aquartelado nesta cidade, o major que foi de infantaria 8, snr. Arthur Justino Amado.

—Vam principiar brevemente os trabalhos de construcção da carreira de tiro no Monte de Brito.

—Marchou para a Regoa uma força de infantaria 20, sob o commando do alferes, snr. Sá Pereira, afim de render a de infantaria 6 ali destacada.

Captura. — A' requisição do Ex.mo Governador Civil de Braga foram presos pela policia desta cidade Francisco Teixeira Pinto, o «Caldos» Henrique Ribeiro, o «Dez», e Antonio Joaquim da Rocha, o «Mirolho», acusados de terem por meio de arrombamento commettido um roubo na chapelaria Mattos de Braga.

Averiguou-se na occasião da captura que os accusados traziam comsigo *ferramenta do officio*, e mais se apurou que os *cavalheiros* se preparavam para assaltar uma ourivezaria desta cidade. Trancas ás portas e... somno menos pezado.

Queixa. — Foi entregue ao poder judicial a queixa do regedor de Santa Eufemia de Prazins, contra José de Freitas da mesma freguezia, por este ter espancado sua sogra, o regedor e... o cabo se lá estivesse.

—Tambem subiu da policia ao tribunal a queixa de Francisco Rodrigues e sua consorte, de S. Cosme de Lobeira, contra Jeronymo de Macedo, Manuel Martins e, ficamos por aqui, pois que no dia 10 do corrente, duma desordem em que todos molharam a sua sôpa, resultou ficar ferida a dita consorte que, desta vez, andou... sem sorte.

ANNUNCIOS

AVISO

A Commissão de Saude do concelho de Guimarães, convida todos os proprietarios e inquilinos dos predios da cidade e das demais povoações do concelho, em que existem saguões, a proceder, no prazo de 10 dias, a contar da data deste, á remoção do entulho e immundicies que nestes se encontrem, sob pena de serem autoados como transgressores das leis de saude publica.

Guimarães, 16 de dezembro de 1910.

Pela Commissão,

O Administrador do Concelho,

Eduardo d'Almeida.

O Sub-delegado de Saude,

Augusto A. de Mattos Chaves.

Arvore do natal

COM 4:000 PREMIOS

Todos os bilhetes são premiados tendo muitos brinquedos que são de 5$000, 4$000, 3$000, 2$500, 2$000, 1$500, 1$000, 800, 600, 500, 400 reis, e muitissimos de 200 reis e sorteados podem sahir pelo preço de cada bilhete

100 reis!

Depositario exclusivo dos colletes de espartilho da casa **Santos Mattos & C.ª** de Lisboa, que tem espartilhos e cintos desde 400 reis até ao melhor e mais luxuoso collete de espartilho para senhora.

SALGADO

Casa de modas

GUIMARÃES

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—**GUIMARÃES**

DEPOSITO DE LUVAS DE PELLICA

Luvas de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para senhora. Luvas de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para homem. Ditas brancas, pretas e em côres, para creança. Luvas d'algodão, escocia e em seda para senhora, creança e homem, em branco, pretas e em côres. Luvas d'agasalho para homem, senhora e creança, em todas as côres.

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.ª

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.ª

Largo do Toural, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos

Atelier da Moda

High-Life

Chapeus para senhora e creança

Exposição permanentemente aberta no 1.º andar

Grande sortido de luvas para inverno

Ultimas novidades

93—Rua da Rainha—97

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, anno (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 „	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA *Ex.mo Snr.*

.....

.....

DEVERES DOS REPUBLICANOS

CONFERENCIA PELO DR. EDUARDO D'ALMEIDA

Minhas senhoras, meus senhores:

Nas primeiras horas dessa clara manhã do outono, um pobre homem, rude e macilento, o olhar em febre, saiu da misera choupana em que habitava e caminhou, errou, perdeu-se no terreno accidentado dos montes e dos campos. Ia sosinho, o pensamento inerte e escuro como se no cerebro trouxesse batendo um pedaço de chumbo. O sofrimento afinal prostara-o, um sofrimento cobarde que paralisava nos musculos a força e corria a chicote do coração o mais ligeiro movimento de revolta.

Como aquelle *Pedro Afortunado* da caracteristica saga de Strindberg viajara todas as illusões provando todos os desenganos. Mais infeliz por certo—porque, se o Afortunado encontrara o amor como porto de abrigo, esse homem partira do amor, num dia lindo vivamente sentido ao lampejo furtivo da mocidade, para a mais inimiga solidão. Da propria esposa andava elle separado não tanto pelo desespero irritante que é irmão da fome, como pela sombra negra da rivalidade de opiniões e sentimentos. O unico filho, que mandara á escola, de lá viera com uma doutrina submissa e parcial, o caracter vergado ás proprias ideias que a experiencia amargamente lhe ensinara falsas. Tristeza!

Dentro de si, no lar que tam carinhosamente fundara, e por toda a parte onde aparecia não se via outro senão um desgraçado, não topava senão com a miseria. A miseria do sangue envenenado, da apatia imbecil, da fome de pão, da fome de justiça, da fome de verdade, a miseria do ideal perdido, do amor sem luz, da escravidão indiferente na terra onde nascera e em que era estrangeiro...

Na infancia, sua avó—doce velhinha de cabellos brancos, duma brancura doirada e viva que os destacava magnificos por entre o gelado alvôr das finas rendas de linho, contando-lhe a invasão dos franceses—conseguira acordar-lhe no peito a dedicação pela patria. Era um amor inconsciente mas arreigado. Vibrara espontaneamente na essencia do seu espirito. Agora via, porem, que na patria, como durante sono triste de doente, reinava altivo o pezadelo do inimigo.

Assim, caminhando, alcançara o cabeço do monte. Sentou-se como um mendigo entre as fragas. E chorou. As suas lagrimas eram faiscas da brasa de amargura em que o coração se transformara. Então, febrilmente, com as mãos entorpecidas abriu mais, escancarou os risos de troça dos immundos farrapos que o cobriam. Um rafeiro ladrava alegremente...

Lembrava-se de que fôra independente, rico, feliz... de que nas suas mãos erguera ao sol glorioso o montante de Ourique e de Aljubarrota, de que com suas mãos desfiara o oiro e as lendas da India, de que com suas mãos talhara um imperio, construira um mosteiro, edificara uma escola, de que as suas mãos cavavam laboriosamente a terra; mas—bem transfigurado e encanecido!—as estendia agora suplicantes para que o não castigassem nos raros momentos em que sonhava ainda com a antiga liberdade. E cuspiu irritado nessas mãos que para nada mais serviam do que para deitar na urna, ás ordens do cacique, a confissão da sua impotencia, o premio vil da sua deshonra!

O sol rompia. A agua e as flores cantavam, uma doçura atrahente da vida simplez, outra o himno silencioso das cores.

E como as lagrimas, porque eram sinceras, tivessem limpado os seus olhos, a luz do ideal, que nascia tam fortemente suave nessa manhã de outono, entrou-lhe no cerebro e inundou-lhe a alma. A' dor que o amortalhava ouviu dizer—«E's um egoista, ao egoismo apetece dormir. Tens fome e cada bocado da tua fome, que esplendidamente enganas assobiando, vai augmentar a fome de tua mulher e de teus filhos. A tua fome é egoista. O despotismo subjugou-te na escravidão, vegetas bem ou mal com a esperança em que o influente, que é teu dono, um dia possa arranjar-te um cartãosinho de empenho. Mas essa escravidão, que não queres sentir, é a que acorrenta á ignorancia teus irmãos, a que te separa de tua mulher porque até entre os vossos labios, quandos vos beijais, passa a dura sombra do preconceito, é dessa escravidão que carecem aquelles que se preparam para vender os teus netos, os filhos dos escravos, na feira das conveniencias pessoais em que tu andas já arrastando a tua barraca triste de fantoche. Egoismo — a tua escravidão. Vê tu a arvore, o ceu, as flores, o sol. Se o vento da tempestade agitar esse tantas vezes idoso castanheiro, não vês que na resistencia emprega toda a energia? Respira: o ceu está lavado e asul, tam lavado e asul como na manhã de S. João do teu amor, respira. Espera que o sol desinfecte e bem a tua coragem, elle dá a ideia livre, o gesto audaz. Procura uma flor, uma papoila rubra como o sangue dos martires, rubra como a tua dor ou como um grito de revolta, e que, hoje mesmo, quando entrares em casa, possas dizer a tua mulher e a teus filhos: és a companheira dum homem, vós meus rapazes, sois os filhos da patria. Caminha e já!»—

Foi um segundo a heroica revolução que levantou este homem, amargurado, escarnecido e rôto. Elle apareceu com a impetuosa mocidade que a tantos assustara, audacioso até a loucura, dedicado até o extremo sacrificio, sem arrogancias quixotescas. A sua sentimental generosidade causou assombro ás aguias que espreitavam a sua agonia como se estivessem tomando aperitivo para um banquete. Na sua alma acordara a lealdade guerreira de Nun'Alvarez e a intrepidez aventurosa do Gama, o instinto da força, mas acordara tambem o genio poetico de Camões. Valoroso, crente, meigo, os musculos dum leão e a ternura lirica duma criança... Extraordinario momento esse em que todas as boas qualidades duma raça se manifestaram intensamente! E, noite morta, na sua choupana, adormecendo ao colo a filhinha mais nova, o homem chorava de alegria, sob a caricia palida do luar, e as suas mãos tremiam afagando a pequenina face da tam querida vida que a sua vida, ha pouco arriscada, gerara...

Assim, numa hora de consciencia, porque a dor era já intoleravel e porque mais indiferença seria um crime, Portugal despedaçou as ultimas cadeias que o prendiam a um regimen que, tendo explorado fartamente, em proveito da voracidade insaciavel dos mandões, os nossos recursos, ia pervertendo a educação, degenerando a raça, saqueando os dinheiros publicos, fazendo da justiça uma agencia dos governos e troçando e banqueteando-se e mentindo e que não duvidaria, como o deixou advinhar nas suas ultimas palavras, de entregar-nos ao estrangeiro se o estrangeiro lhe desse mais algumas libras e mais algumas horas para as prodigalizar nos braços gentis de actrizes e na compra dum ou outro bem falante politiqueiro. Toda essa revolução foi um grito sentido, de desespero e fé, de indignação e amor, um grito d'alma—Viva a Republica!

Crise politica, instabilidade social

Como aquelle que, de repente, passando da escuridão a que se fôra habituando para a luz clara do meio-dia sente pesar nos olhos uma luminosidade intensa através a qual não distingue ainda os objectos no respectivo logar e com a precisa forma, o nosso povo entrando na republica por um bello acto de arrojo civico não adquiriu logo, nem pudia adquirir, todas as qualidades do novo regimen que acabava de estabelecer.

Fez-se nalgumas horas a republica: partiu-se o fio do medo que nos ligava a um regimen decrepito, afugentou-se para muito longe, para o cemiterio amplo e arejado da historia, o irrisorio espectro que nos embaraçava. Não nos illudamos, porem, que a nossa vida publica demais tem sido, ha muitos annos uma illusão grosseira. Com esse facto não surgiu completa, orientada, consciente a republicanização do povo. A revolução das ruas é tumultuaria, luta braço a braço, audaz, heroica, impulsiva, tanto como perversa, estupida e cobarde; mas a revolução politica dos costumes, a revolução moral das consciencias, a revolução filosofica das educações organizam-se metodicamente, á luz fria do estudo, fora do agitar febril da turba que vive sofrendo e da legião que a explora cantando floridas inepcias; é uma obra mais vasta e mais fecunda que ha de germinar com abundancia do terreno que a outra preparou. As revoluções sangrentas sam dolorosamente inuteis se dellas não pode desabrochar a flor alegre da paz. Nós os republicanos precisamos de ir ao coração do povo despertar-lhe os sentimentos altruistas, nós carecemos de transformar um país de analfabetos na patria querida de cidadãos educados.

A ignorancia, que foi a popularidade da monarquia, viria ser a dissolvencia da republica. Ontem formava o comodismo do *deixa-andar*, amanhã augmentaria a anarquia que paralisa ou a reacção que desvirtua. Não tinham melhores subditos os governantes mediocres e habilidosos... mas, num pais democratico, os analfabetos constituem um foco epidemico de terrivel virulencia: tanto consentem que os explorem como se armam para torpes exigencias, perturbando sempre.

Nos ultimos annos sobretudo da chamada ficção constitucional (porque toda a nossa vida publica era mentira) a politica portuguesa manifestou-se em crise permanente. A derrocada vinha de longe, fôra avolumando e por tal forma que nós—que viamos, na mais gulosa das apatias, o *deficit* orçamental, a estroinice ruinosa em que andavam os nossos dinheiros, a inutilidade de parlamentos caricatos mas despoticos, a falencia e a dissolução proximas e julgavamos ainda, amando o nosso repouso acima do nosso dever, que tudo isso não era comnosco, um dia começamos pensando que as lagrimas idilicamente vertidas sobre o cadaver da patria eram duma criminosa esterilidade e fomos intervindo, por um movimento rapidamente generalizado, na acção governativa. Não viemos tarde, é certo, mas pessimamente preparados. Fomos violentos porque já não pudiamos ser constantes; a nossa heroicidade, amargurada e impaciente, pagava o nosso quotidiano egoismo. O reinado do ultimo Bragança, rapaz imberbe, gastou-se num duello meio comico, meio tragico entre o povo sobresaltado e disposto a levantar-se e a astucia de contrictos servidores que diziam tambem agora amar o povo porque, na verdade, a si proprios se amavam sobre todas as coisas. Foi uma cega rega de ministerios, laboriosamente parturejados, tam insignificantes, tam mediocres que conseguiam viver algum tempo á custa só da propria fraqueza.

A monarquia findara com a impotencia da ditadura franquista e, desde então, não passava duma sombra, de senhor e mendigo, de desgraçado e patife, errando vagamente á luz doirada dos salões. D. Manuel nunca foi rei, a sua mocidade era o lenço branco que o fantasma da monarchia agitava-despedindo-se.

Só a mais grosseira metafisica separa a politica da vida commum, como acção de governo superior mas independente dos fenomenos sociaes.

E o erro comprehende-se facilmente como proveniente de casuistica abstracção, analisando a influencia duma crise politica demorada no conjunto das energias e costumes dum povo.

O novo caso excelentemente o confirma. Não é exagerada a tantas vezes repetida vulgaridade de que o nosso mal não era unicamente politico mas geral. Realmente, a mais grave consequencia dos desvarios do regimen, o simptoma essencialmente caracteristico da nossa decadencia via-se na assoladora degradação dos caractes. A crise politica andava consorciada com uma profunda instabilidade social. Respirava-se uma atmosfera deleteria de corrupção e de mentira. Estava aberta a feira dos interesses onde ia quem pretendia arranjar-se, que de tudo havia em leilão — diplomas de talento e bons defeitos para isentar de soldado, empenhos para exame e prisões por obsequio e sobretudo empregos, collocações rendosas, caprichos da sorte. Preço fixo e comodo de barateiro: a dedicação partidaria. E tam natural parecia que cada um, por esta ou aquella forma, obtivesse da magnificencia jocunda a sua hora de favor que não só os contemplados raciocinaram que apenas lhes tinham feito justiça, como nos aspirantes se levantou uma impaciencia surda que não admitia replica; e tantos, tantos concorreram, uns em pessoa e outros por procuração, vindos de toda a parte, em romarias enormes, com sua carta de recomendação e seu bigode frisado, que a imaginativa dos governos afinal cançara de descobrir logares...quando já dos cofres não escorria vintem. Curiosamente observaria um fino ironista como o nosso Eça, pelo vidro tam limpo do seu monoculo, que, desde a escola primaria, um fedelhito se orgulhava da certeza de que, lá ao encerrar da ultima aula, o esperava amorosamente, prometida com a mais categorica solicitude na carta ilegivel dum conselheiro amigo, uma boa e reconfortante vaga. Não admira por isso que, nesta doce terra em que já se nascia padre, as escolas se organizassem de maneira que nos remetiam para casa, a dormir um pouco emquanto os não entregavamos ao estado, embrulhados no fato novo, com um ligeiro perfume, e carinhosamente atados com as suas fitas das cartas de formatura, uns elegantes burocratas, subditos fieis de sua magestade e sectarios firmes dos partidos monarquicos. A algebra, a chimica, as letras essas ficavam no bahu, entre cautelas de prego e cartas amorosas, talvez algum postal do pai ralhando, abandonadas como pezadelo que, uma noite, se sentara na cama em que a nossa voluptuosa preguiça sonhava o futuro.

E então principiou a notar-se um soberano desprezo por esta patria tam mesquinha e triste onde a vida nos encerrava numa *repartição*. A moda vingava de nos sentirmos pequenos, encostados a Paris de que copiavamos as gravatas. Emquanto o povo ia arrancando da terra a pobre migalha de pão, uma densa camada aristocratica se formava—a de senhor politico com rendas pagas pelo estado.

O povo esse ficava no campo, bem longe da escola. E esta ignorancia e desprendimento consolidavam a mentira do regimen. De vez em quando sentia que o tratavam melhor. Passando na estrada, vira que um fidalgo o cumprimentara e, á noite, muito contente, mastigando o caldo, á mulher dizia que o tal fulaninho era pessoa bem educada. Vinha á cidade e notava qualquer coisa de estranho e hospitaleiro nos olhares e nas conversas. Desconfiava. Havia o quer que fosse, e, como sempre que havia o quer que fosse, punha-se em guarda, hereditariamente acostumado ao ludibrio não obstante as suas manhosas tentativas de ganho. Não tardava, porem, que á sua distante cabana, aparecesse procurando-o, e mostrando logo a sua grossa cadeia de bom oiro, aquelle tam amavel cavalheiro que o cortejara (ou outro do mesmo tipo) e que, muito em segredo, batendo-lhe afavelmente no hombro e depois de lhe perguntar duas vezes como passara, lhe dizia que as eleições estavam á porta, que se preparava uma camara de gente capaz e que, emfim, não pudia dispensar o seu voto. Desse-o elle e teria ali, palavra de honra, um amigo prá vida e prá morte. O povo ia caindo com a promessa do filho livre das correias, dum empenho para o juiz de paz á conta dumas pauladas com que estendera um visinho na romaria de S. Torquato, até que entrou a parafusar que, logo no dia seguinte ao das eleições, lhe não tiravam o chapeu e no aborrecimento das infinitas esperas, tendo andado tres leguas á chuva, á porta do influente que ficara ás ordens mas nunca estava em casa. Finorio, pratico pela evidencia da miseria, considerou que, se queriam que elle estendesse a mão para deitar um voto na urna, mais seguro com certeza era que lhe estendessem a elle outra mão com dinheiro. E assim vendeu melhor o voto... a dinheiro.

Desta ditosa patria a impressão mais forte que havia de receber o visitante apressado era a da nossa contundente algazarra. Pois, na verdade, logo com os primeiros calores estivais, em cada palmo da nossa terra onde moram seis pessoas se arranjam seis irmandades, com suas opas e suas festas; e seria impossivel correr, por mais veloz que fosse o andamento á hora, todas as estrondeantes romarias que, no mesmo domingo, se realizam na estreita faxa continental. Centenas de homens e de mulheres, bufando de calor, vermelhas, doidejantes, por ali cantam num trovão de voz aterradora como se nascessem unicamente para cantar e na garganta immensa concentrassem toda a funcção vital. Rir e cantar parecia o destino do povo, sob o ceu asul em que estoiravam morteiros. Impressão que se acentuava, ao penetrar o viajante apressado no nosso parlamento considerado o centro da nossa vida politica. Ainda aí encontraria palavras, palavras que mordiam, saltavam, geringonçavam como torrentes impetuosas que nada ha que possa estancar, transformando a vida nacional, com o proprio orçamento, numa questão de palavras, gaguejando aqui mas já ribombando como se aos foles dum orgão monumental estivesse puxando o proprio Hercules embriegado.

Quasi todo o periodo constitucional se gastou assim e a historia caracteristica e justamente delle recordará não os que foram os mais probos estadistas ou os mais intelligentes operarios, mas os melhores canarios parlamentares e os mais festeiros juizes de irmandades...

O trabalho democratico da educação e a acção politica de saneamento

Para quem educou o espirito scientificamente a noção do direito é cada vez mais abstracta e nociva. Em termos simplez: o direito é uma concepção humanista que fez o seu tempo. O homem necessitava de limitar a omnipotencia dos imperantes. Foi um acto primario do instinto de conservação que mais acendeu a revolução francesa, revolução que transformou os principios da politica occidental. A declaração dos direitos do homem queria dizer que no mais abandonado escravo havia uma parte intangivel á ferocidade tiranica. Que não mais dispuzessem da sua vida como de objecto em commercio, que não mais atentassem contra a sua liberdade pois esta era uma condição indispensavel da existencia. O homem com a vida constantemente ameaçada e sem liberdade nunca seria um cidadão mas um forçado.

Todavia este direito é essencialmente um favor e por isso modificavel e incerto. Juridicamente e politicamente sempre litigioso, no tribunal explica a rabula, nos governos a ditadura. O conceito positivo do dever, salutarmente introduzido na filosofia, veiu fazer uma revolução mais ampla e determinada. O dever não sofre contestação, é insofismavel e categorico. Em face do direito a nossa conscienciencia pode hesitar, o dever obriga e as suas infrações deshonram; o direito é vago, metafisico, incolor, o dever influe com actuação serena, friamente decisivo, em todos os nossos actos desde a vida domestica á vida politica. O direito é ainda uma aristocracia, embora da classe media revoltada, o dever é radicalmente democratico, fraternal e humano. Um pode ser a violencia triunfante das ruas, o outro não pode derivar senão da justa observação dos fenomenos sociais.

Numa epoca revolucionaria como esta que atravessamos, para que se estabeleça a pacificação consciente indispensavel á actividade progressiva, mais que em alguma outra se mostra urgente

que cada um trabalhe no bem estar geral, no resurgimento patrio e na evolução salvadora com o exacto cumprimento dos seus deveres. O fervilhar impaciente dos direitos, agora mais violento sob a invocação da liberdade, conduz á desordem e a desordem é o contrario do progresso. A patria vive dos nossos deveres e não do que supomos os nossos direitos. O dever da nossa dedicação e amor e sacrificio. Não devemos esquecer que o nosso coveiro foi o egoismo: só o desinteresse pode salvar-nos.

O homem eleva-se pouco a pouco dos instintos grosseiros ás qualidades civis e esta humanização do proprio ser é feita á custa de incessantes restrições no goso material. Todas as ocupações politicas requerem, como habilitação fundamental, o altruismo. Já o amor bem orientado e firme, que tem um ideal e uma belleza, é um pequeno sacrificio—a lealdade á mulher, a criação dos filhos. Ter uma casa feliz é domar a cada momento os instintos hereditariamente impetuosos, trabalhar o dia inteiro na oficina, no campo, no armazem, no laboratorio, é cortar com o prazer de longas ociosidades bohemias, é ter sempre ardente no cerebro o desejo de deixar aos filhos uma ventura maior do que aquella a nós legada por nossos avós. E esse é o nosso dever de homens e de pais. O amor á cidade sacrifica-nos mais. Consagramos-lhe, com desinteressada solicitude, a parte mais nobre da nossa energia para que ella prospere. Não pensamos já em nossos filhos, carne da nossa carne, mas nos filhos dos outros, visinhos, indiferentes rivais. O amor da patria é quasi integralmente formado da nossa abnegação. A ella sacrificamos, na hora do perigo, a nossa vida, a nossa riqueza, a tranquilidade do nosso lar. E' um ideal de irmãos que nos entusiasma. Sentimos que com o nosso coração bate o coração mais forte da nossa terra. E cumprimos o nosso dever de cidadãos.

O dever, na escala ascendente da sua nobreza embora deminuindo, em virtude da nossa propria constituição, o grau de energia, é somente alimentado de abnegação e amor. O altruismo purifica-nos, vai tornando cada vez mais forte o nosso caracter, mais produtiva a nossa intelligencia, mais sentimental o nosso coração. Não será nunca impertinente afirmar bem alto para que fundamente se grave no espirito de todos que é no amor á familia, á patria, á humanidade que verdadeiramente assenta a evolução politica e que só a fiel observancia das nossas obrigações pode fazer de Portugal um país essencialmente democratico e prospero.

A revolução terminou nas ruas de Lisboa, mas ha uma luta em que se não descansará sem perigo—contra a dissolvencia dos costumes, contra a falta de moral tam infelizmente espalhada e contra a ignorancia. Mais ainda—contra os estomagos que devoraram o dinheiro publico... Impõi-se esse combate inflexivel e até violento ao cancro do egoismo. E, se é certo que não aproveitaremos muito com todos estes sacrificios e lutas, a verdade é que contrahimos já essa obrigação para com nossos filhos. Serão elles que virão encontrar na republica o amor, a tranquilidade e o progresso que a republica determina. Muito embora! Todo o oiro dos nossos proprietarios e banqueiros não vale essa incalculavel riqueza. Para o gosarem, em dias como os que passaram, era preciso que fosem estupidos e maus. Só a estupidez pode viver contente entre desgraçados. Não. A's nossas filhas, aos nossos filhos preparemos antes uma herança de instrução e de caracter.

E isto recorda-me uma linda pagina de Dostoïevsky. Dostoïevsky é um grande escritor russo que foi preso e condemnado como criminoso politico que é o crime dos honrados homens da Russia. Conta elle que uma vez, na Siberia, um forçado levou para a prisão uma pequena aguia ferida, de asa pendente, com as pernas dilaceradas. Todos os condemnados vieram observa-la atentamente e cada um procurou da melhor forma, com afectuoso carinho, reanima-la. Tres meses ali viveu a um canto, olhando altivamente os que procuravam entreter-se naquella estranha companhia que dava um pouco de graça á pesada monotonia da cadeia. Um dia, conversando distrahidos, lembraram-se de que era mal feito deixar acabar ali, sob ferros, tam encarcerada como elles, a aguia desdenhosa. «Que ao menos possa morrer livre»! disseram. E logo na manhã seguinte, estava-se no outono frio e escuro, soltaram a aguia. Mudos e tristes, á neve implacavel, contemplaram o seu vôo apresado no ar da liberdade, como ella rapidamente se afastava batendo a asa quebrada e se perdia alem no horizonte que lhes encerrava o mundo. E nós condemnados então, emquanto o vento gemia na herva amarelada e séca, o vôo da aguia, que nem sequer lhes agradecera tantos cuidados, palpitou dolorosamente como um ideal de liberdade e a saudosa lembrança de muito distantes afectos.

Para uma grande maioria do nosso povo a revolução ergueu-se como simbolo de emancipação porventura sinceramente desejada mas como aguia pairando longe, no ar, alada como um sonho. Elle viu-a com seus olhos maguados, ainda preso no carcere em que agasalhara a esperança de a possuir, mas longinqua, e, embora a materialização da sua crença, como que sagrada. Nós os republicanos devemos evitar que o povo que está vendo levantar-se na patria a republica se não julgue della excluido porque é somente povo. Alem dos deveres gerais que á nossa consciencia de cidadãos sam impostos sempre e de que, por isso que sam basicos, sobretudo neste momento depende a consolidação da bella obra iniciada, outros se nos apresentam reclamando com não menor energia a nossa atenção. E entre esses, como sem duvida o mais importante, está o duma obra larga e fecunda de educação popular. E' preciso que se faça a republica no coração do povo. Nós encontramo-lo, porque é facil no entusiasmo e generoso nos movimentos, a nosso lado, mas infelizmente, porque seria vil o disfarce de palavras que o escondesse, anda electrizado por uma esperança e não movido por uma razão. Que a liberdade, que nós tam vitoriosamente illuminamos com o fogo do nosso entusiasmo, não seja para elle uma quimera. Porque nunca um analfabeto é um cidadão. O analfabetismo é a mais infame das escravaturas. A liberdade sai das escolas.

Mas não é só o analfabetismo que nós necessitamos de extinguir, é tambem a ignorancia. Aquella porção de homens que o regimen monarquico, por especial favor, deixou ir á escola, trouxe de lá duas qualidades e vinte defeitos. O pouco que lhes ensinaram, a camponeses e operarios, mal chegava para os distinguir dos analfabetos e separava-os muito dos analfabetos e dos instruidos. Outra vez entregue aos cuidados da agricultura, o lavrador esquecia, ao fim dalguns meses, aquelle seletrar inqualificavel com que fora remoendo as letras grandes do mapa. Nem á rapariga, que namorava, escrevia porque mais comodo e vantajoso era espera-la, nas tardes aos domingos, no adro da igreja saindo do terço ou nos barrocais disfarçados da aldeia que levam á fonte. Esta inutilidade literaria criava-lhe uma justificada aversão aos estudos. Como resultado da educação do operario encontrareis a leitura de jornais escandalosamente agarrados ao casaco notavel dum criminoso ou desfiando as tentações mortais do prazer, com adulterios, falsificações e calumnias. No terreno propicio desta ignorancia, e melhor do que no terreno ingrato do analfabetismo, lançaram raizes as propagandas ineptas que tam dedicadamente se teem cometido no país, a do jesuitismo com seus clubs reaccionarios e um socialismo de pelintrice e humildade, e a dos falsos republicanos com suas perigosas iniciações, preparando o revolucionarismo intransigente que, em toda a parte e a proposito de nada, aparece com o argumento supremo da bomba de dinamite quando não lança mão da sentença irrevogavel do disparate. E eis aqui a mais nobre luta a que pode consagrar-se um cidadão amigo da patria, luta contra o analfabetismo e contra a ignorancia.

Como havemos de lutar? Pela acção democratica da escola, pela acção democratica do exemplo e pela acção democratica da propaganda. Criar escolas, reformar a escola—deve ser o maior empenho do governo e dos republicanos. Basta-nos um exemplo, o do nosso concelho. Em S. Torquato, centro de população densa, não ha escola do sexo masculino, talvez porque se julgou bastante á felicidade daquelles povos a agua milagrosa da fonte e a sombra farta do mosteiro. Das 80 freguesias que formam o concelho, ainda ha muito pouco em 38 não funccionavam escolas oficiais e em 48 não havia escolas oficiais ou particulares do sexo feminino! Há mais e peor—um calculo muito aproximadamente exacto dá-nos 90 % das mulheres das freguesias rurais completamente ignorantes. E' por isso que percorrendo estes nossos tam lindos campos encontrareis por certo excellentes femeas e rarissimas mulheres! Observai com algum cuidado e então vereis, poupando á vossa vergonha o assombro, que ellas sam miseravelmente escravas, desde a lavradeira, besta de carga que o marido espanca, a criada mal tratada pelos amos, a costureira seduzida pela mentira do amor impiedoso, á triste operaria que o dia inteiro trabalha na fabrica para ser explorada pelo pai, pelos irmãos, pelo amigo que vivem agarrados ao seu pequeno salario. Um crime tam grave pesa sobre nós todos embora a muitos falte hombridade para o confessar.

Contra ella, só por si, é impotente a acção futura das escolas. Procuremos educar com o nosso exemplo e com a acção firme da propaganda. Exemplo de todos os dias, em casa e na rua, propaganda nada retorica e quanto possivel instrutiva. Estendamos pelas aldeias a nossa doutrina, indo ter com o povo. Lentamente, ligado ao nosso afecto, alguma coisa aprenderá. Por emquanto é o padre quem o domina.

Há duas leis primarias e caracteristicas na dinamica politica—sam a da continuidade e da solidariedade dos fenomenos sociais. Dos fenomenos sociais e das relações humanas. Querer destruir o passado é um absurdo tam grande como o de pretender o homem fazer vida independente e distinta dos homens. Nós estamos indissoluvelmente ligados ao passado e indissoluvelmente ligados ao futuro. A nossa vida é uma herança que somos obrigados a transmitir. Veiu de nossos pais e vai para nossos filhos. Os nossos actos, ideias e sentimentos como as nossas taras, os nossos musculos e o nosso sangue foram-nos legados pelos nossos antepassados e vam determinar, com as modificações adquiridas, os nossos descendentes. Para verificar a lei da solidariedade social basta que se analise a existencia considerada como fisica, moral, intellectual e politica: toda a evolução é ordenada, sistematica e constante, sem alterações na ordem do desinvolvimento mas apenas na da velocidade.

A filosofia revolucionaria que entrou como factor importante na tremenda convulsão franceza, que foi a renascença politica occidental, degenerou pouco depois desta porque tentava prolongar um estado morbido com o fim anarquico de criar um mundo inteiramente novo. Para não cairmos neste erro funesto, que dissolve as energias politicas, devemos afastar de nós qualquer tentativa, alem de inutil inteiramente perigosa, de desprezar a antiga patria para fundarmos uma patria nova. Nós aqui estamos hoje, vindos dos guerreiros, dos monges, dos navegantes, dos trovadores e dos artistas, no mesmo territorio, com o nosso sangue que não podemos trocar, com o nosso passado que se integrou em nossa alma. Nascemos nesta terra e o simplez facto do nascimento impondo-nos a vida historica responsabiliza-nos pela vida futura.

Destruir é facil, o que importa é edificar. O nosso trabalho é de evolução metodica, serenamente preparada, pacificamente feita. A impaciencia revela desconfiança, a precipitação inutiliza. Sejamos homens—conscientes da nossa força, esperançados em nosso ideal, caminhando tranquilamente mas com segurança. Não ha surprezas que nos desarmem: quantos a monarquia venceu e matou para que não viesse a republica e a republica veiu. O progresso tem um poder invencivel, e, pequena como é e arriscada a nossa vida, que nos console a certeza de que a ideia é immortal. De nosso coração, se fôr generoso e dedicado, alguma coisa ficará que a terra não destroe—o amor.

Estamos, porem, tratando dum organismo doente. A sua vegetação obscura sustentava-se misericordiosamente com remedios de opressões e baixas transigencias. Nem ar, nem luz, que o invalido abrigara-se na ditadura como em enfermaria de epidemicos. O seu halito envenenava, impregnando corrupção. A's vezes sentindo bater a morte, erguia-se febril, ardendo em raiva, com delirios de tirania. E então, para se mostrar forte, descia á rua a colher as tristes flores que lhe atiravam, contaminando com o oiro infecto que as suas chagas supuravam. Realmente não escondia o cheiro a podre. Lia-se no seu olhar a paralisia da morte.

A revolução foi um trabalho urgente de clinica.

Extirpou-se o cancro mas a doença ficou porque largamente a infeção irradiara. Carecemos da mais rigorosa higiene. E, sob este ponto de vista, friamente, implacaveis, cortaremos todas as raizes do mal. Não há considerações pessoais que nos demovam. O interesse geral aqui não só domina mas afasta os interesses particulares. A politica está acima dos homens, a patria dos egoismos. Seremos radicaes, violentos quando a violencia nos fôr imposta, não por odio mas somente por necessidade. O medico tambem não escolhe os medicamentos pelo sabor.

O parasitarismo caciqueiro havia-se enredado em toda a nossa vida politica e administrativa desde as juntas de parochia aos ministerios. Quantos sem vintem negociavam com os rendimentos das irmandades, a subsistencia das viuvas, o amparo dos orfãos. Ha muito que a dignidade descera abaixo de zero. A nossa decadencia moral era tanta que, com a mais ligeira facilidade inconsciente, chegara-se a cometer o mais infame dos crimes — desviar o dinheiro da beneficencia—, o dinheiro dos pobres. O mais infame dos crimes, porque era roubar a pobreza. A grande força dos caciques, há excepções, era essa, a de poderem converter o dinheiro alheio em propriedade individual. Como queriam roubar as urnas, principiaram roubando nos cofres!

Ah! não! Um dos maiores cuidados da verdadeira politica democratica deverá ser para o saneamento da nossa administração. Que não haja nem desfalecimentos, nem contemplações, senão continuaremos com os mesmos processos na mesma pagodeira. Mal vai ao governo se não fizer esta obra de limpeza. Mas ha de faze-la. Agora e já é que ella deve ser feita. Nós os republicanos nada trazemos nas mãos para dar aos que vierem para a republica senão o nosso afecto e a austeridade moral dos nossos actos. Que os que vierem se apresentem, portanto, limpos e educados...

Os dois grandes erros da nossa vida publica sam: o analfabetismo popular e a immoralidade dos costumes politicos. A actividade republicana deve evidentemente, para que seja honesta e salutar, concentrar-se nesta luta: educação, moralidade. Não nos preocupemos apenas com a illustração das intelligencias, consagremo-nos a formar e elevar os caracteres. Se a educação é um factor do progresso, a moralidade é a sua base necessaria.

Nós não queremos a republica para meia duzia de talentos, mas para todos os portugueses de intenções rectas e bom coração!

Declaração pessoal

Por uma tendencia agradavel ao meu espirito, que detesta qualquer manifestação pessoal, terminaria aqui esta conferencia. Sinto que não é o meu dever. Preciso dizer aos que me escutam donde me vem a autoridade moral de lhes falar. E cumpre-me dize-lo não para me justificar, unicamente para me defender da campanha de difamação anonima que tam solicitamente, que tam amorosamente anda empenhada em arrancar-me do lugar que hoje occupo (o de administrador do concelho...) e que eu, tendo sempre recusado logares de evidencia, aceitei agora com sacrificio, deixando a minha vida de advogado, os meus livros, comprometendo a saude e o dinheiro que não tenho numa actividade que não é a mais conforme com a minha educação intellectual, mas que aceitei porque esse era o meu dever. Quem se der ao trabalho de ler os meus escritos ou de interrogar as minhas palavras terá ensejo de ver que sou tam contrario a indicações a meu respeito que, e até com certa dificuldade num meio em que o subjectivismo predomina, tenho um estilo e uma forma caracteristicamente impessoais. Abro hoje e aqui uma excepção para me apresentar aos meus tam afectuosos calumniadores, abrindo-lhes de par em par toda a minha vida. E na minha vida ha uma só transição politica, àliás determinada por uma evolução consciente do meu espirito—a de revolucionario idealista para republicano. Revolucionario idealista era em 1903 lançando aos meus condiscipulos de Coimbra, com Lopes d'Oliveira e com a simpatia calorosa de Guerra Junqueiro, a ideia de formar uma associação de proteção ás crianças abandonadas, com o dinheiro colhido nas recitas dos quintanistas; em 1904 em que tomei parte, não só activa mas na fila de mais responsabilidade, no comicio contra a Universidade que foi presidido por Antonio José d'Almeida e secretariado por Manuel Monteiro e por mim; em 1905 escrevendo o romance *Na Lama*, e, já formado, em 1906 dando orientação revolucionaria ao proprio discurso que proferi na Sociedade Martins Sarmento, em 9 de março. Nesse anno fazia eu parte do Nucleo de Educação Anarquista e colaborava efectivamente na *Era Nova* Quando me passei para os republicanos? Em 1907, estando no governo João Franco. Foi nesse anno de 1907 que, não obstante a amizade pessoal que me ligava aos vultos mais preponderantes da politica local e ao proprio chefe do governo, trabalhei na fundação dum Centro Republicano em Guimarães, tomando parte com Manuel Monteiro no comicio então realizado a proposito da eleição da Commissão Municipal. Eu bem sabia que estava prejudicando a minha carreira e preparando o mais doloroso sacrificio da minha vida domestica. Não hesitei. Uma noite chegou a hora tragica para o meu coração. Nós eramos dois homens, filho e pai, na mesma casa, lutando intransigentemente, com a mesma sinceridade, por ideais diferentes. E neste pequeno meio em que facilmente as boas intenções se deturpam, eramos publicamente dois inimigos, nós cujo coração palpitava involvido nos laços indissoluveis do afecto. Dizia-se que jogavamos com um pau de dois bicos. E só o pensa-lo nos deshonrava.

Urgia que nos separassemos por dignidade propria. E, porque não devia expulsar meu querido pai da sua casa e da sua terra, saí eu da minha terra e não das minhas ideias, de cabeça levantada, havendo auxiliado quanto em mim cabia faze-lo, com toda a minha vontade, a iniciação da republica em Guimarães precisamente quando dominava João Franco que me pudia colocar como colocou outros, porque eu tinha habilitações suficientes. Desde então, vivendo á custa do meu trabalho e do carinho paterno, que nunca me deixou, eu trilhei sempre o mesmo caminho, embora evitando conflitos como esses, conflitos que hoje sam felizmente impossiveis. Ainda, em abril deste anno, eu escrevia para o «Jornal de Guimarães» o artigo de fundo e colaborava nos poucos numeros publicados.

E agora posso terminar declarando que nós os verdadeiros republicanos não carecemos da licença de ninguem para sermos republicanos, e que eu amo devotadamente a minha patria e a republica e amo tambem a minha familia, a minha mulher e os meus filhos.